

|                   |     |
|-------------------|-----|
| Mamã              | 11  |
| Papá              | 89  |
| Astrid            | 153 |
| Anton             | 219 |
| Notas de Tradução | 279 |

No momento em que a caixa metálica anuncia o seu nome, Amor tem a certeza de que aconteceu, aquilo aconteceu. Ela passou o dia todo com dores de cabeça, tensa, como se tivesse sido avisada num sonho, mas já não se lembrasse bem como. Havia um sinal ou imagem, por baixo da superfície. Algo grave, nas profundezas. Um fogo subterrâneo.

Mas quando as palavras lhe são ditas, em voz alta, recusa-se a acreditar nelas. Fecha os olhos e abana a cabeça. Não, não. Não pode ser verdade, o que a tia acabou de lhe dizer não pode ser verdade. Ninguém morreu. É só uma palavra, nada mais do que isso. Olha para a palavra, pousada na mesa como um insecto virado de costas, sem explicação.

Está no gabinete de Miss Starkey, para onde a voz saída das colunas *Tannoy* lhe ordenou que fosse. Amor esperou tanto por este momento, imaginou-o tantas vezes, que já parece um facto consumado. Mas agora que o momento chegou mesmo, há qualquer coisa nele de onírico, de muito distante. Não aconteceu, não pode ter acontecido. E sobretudo não aconteceu à Mamã, que estará sempre, sempre viva.

Lamento, repete Miss Starkey, escondendo os seus grandes dentes por trás de lábios finos, apertados. Algumas das outras raparigas dizem que Miss Starkey é lésbica, mas é difícil imaginá-la a fazer seja o que for de erótico com alguém. Ou talvez o

tenha feito uma vez e ficou permanentemente enojada desde então. É uma dor pela qual passamos todos, acrescenta ela com a sua voz séria, enquanto a Tia Marina estremece e enxuga os olhos com um lenço de papel, apesar de ter sempre olhado de cima para a Mamã e não lhe importar minimamente que esteja morta, mesmo que não esteja.

A tia desce com ela e espera lá fora, enquanto Amor tem de voltar à residência para fazer a mala. Viveu aqui nos últimos sete meses, à espera de que acontecesse o que não aconteceu, e durante todo esse tempo odiou estas salas compridas e frias, com o seu chão de linóleo, mas agora que é preciso ir embora, ela não quer sair daqui. Só lhe apetece deitar-se na cama e adormecer e nunca mais acordar. Como a Mamã? Não, não como a Mamã, porque a Mamã não está a dormir.

Com gestos lentos, guarda as roupas na mala e depois leva-a para baixo, para a entrada do edifício principal da escola, onde a tia permanece em pé, contemplando o lago dos peixes. Está ali um bem grande, diz ela, apontando para as águas mais fundas, alguma vez viste um peixe-dourado deste tamanho? E Amor diz que nunca viu, apesar de não saber ao certo para qual dos peixes a tia está a apontar e pouco importa, porque nada disto é real.

Sentar-se no *Toyota Cressida* também não é real, e o que vê da janela, enquanto deslizam pelo sinuoso caminho de acesso à escola, parece-lhe um sonho. Os jacarandás estão floridos e as pétalas, de um roxo intenso, são berrantes e estranhas. A sua própria voz soa em eco, como se fosse outra pessoa a falar, quando chegam ao portão principal e viram à direita, em vez de virarem à esquerda, e ela ouve-se a perguntar para onde estão a ir.

Para minha casa, diz a tia. Para apanharmos o Tio Ockie. Tive de sair à pressa, ontem à noite, quando aquilo, estás a perceber, quando aquilo aconteceu.

(Aquilo não aconteceu.)

A Tia Marina espreita de lado, com olhos pequeninos e muito pintados, mas a rapariga continua sem reagir. A desilusão da mulher mais velha é quase palpável, como um peido discreto. Podia

ter enviado Lexington para apanhar Amor na escola, mas em vez disso veio ela, pessoalmente, porque gosta de ser prestável num momento de crise, toda a gente sabe isso. Por trás da sua cara redonda, com uma maquilhagem digna de *kabuki*, ela está sempre ávida de melodrama e boatos e cenas de telenovela. Peixeiradas e traições na TV são uma coisa, mas aqui a vida real criou algo verdadeiro e excitante. A notícia terrível, anunciada em público, em frente da directora da escola! Mas a sobrinha, a imbecil balofo e inútil, ainda quase não disse uma palavra. A sério, esta criança tem um problema qualquer, e já vem de trás. Marina acha que foi por causa do relâmpago. Ah, é uma pena, nunca mais foi a mesma depois daquilo.

Come um biscoito, diz-lhe a tia com maus modos. Estão no banco de trás.

Mas Amor não quer um biscoito. Ela não tem fome. A Tia Marina está sempre a cozinhar coisas e a tentar enfiá-las na boca das pessoas. A sua irmã, Astrid, diz que é porque não quer ser a única a ficar gorda, e é verdade que a tia publicou dois livros de cozinha, muito em voga por estes dias, com receitas de bolos para a hora do chá, ao gosto de um certo tipo de mulheres brancas mais velhas.

Bem, reflecte Marina, pelo menos é fácil conversar com esta criança. Não interrompe, não discute, dá a entender que presta atenção, e isso basta. O percurso entre a escola e o sítio onde os Laubscher vivem, em Menlo Park, não é longo, mas hoje o tempo parece esticar e Marina, tomada pela emoção, fala o caminho todo em africânder, num tom de voz baixo e de quem faz confidências, cheio de diminutivos, embora as suas intenções não sejam propriamente as melhores. É a conversa do costume, sobre como a Mamã traiu a família, ao mudar de religião. Melhor dizendo, ao regressar à antiga fé. Ou seja, voltou a ser judia! A Tia Marina repisou muitas vezes este assunto nos últimos seis meses, desde que a Mamã adoeceu, mas que deveria Amor fazer em relação a isso? Ela é apenas uma criança, não tem poder, e além disso o que haverá de tão errado em voltar à religião que foi a nossa em tempos, se é o que desejamos?

Tenta não ouvir o que a tia diz, focando-se noutra coisa qualquer. Quando conduz, Marina usa umas luvas de golfe brancas, uma afectação vinda sabe-se lá de onde, ou talvez só um receio dos micróbios, e Amor fixa-se na forma das suas mãos, pálidas, agarradas ao volante. Se continuar focada nas mãos, na forma delas, com os seus dedos curtos e grosseiros, não terá de ouvir o que a boca, acima das mãos, vai dizendo, e então nada daquilo será verdade. A única coisa que é verdade são as mãos, e eu a olhar para elas.

... A verdade é que a tua mãe deixou a Igreja Reformada Holandesa e voltou para a coisa judia só para ofender o meu irmão mais novo... Foi só para não ser enterrada na quinta, junto ao marido, é essa a verdadeira explicação... Há um caminho certo e um caminho errado e lamento dizer que a tua mãe escolheu o caminho errado... Bem, seja como for, suspira Marina no momento em que chegam à casa, esperemos que Deus a perdoe e que ela esteja agora em paz.

Estacionam no caminho de acesso, por baixo de um toldo, com belas riscas verdes, roxas e cor-de-laranja. Por trás dele, um diorama da África do Sul branca: o bangalô suburbano, feito de tijolo vermelho, com telhado de chapa ondulada, a toda a volta um jardim murcho. Sozinho no relvado grande e acastanhado, uma espécie de parque infantil. Um bebedouro para pássaros, em cimento. Uma casinha para as crianças brincarem. Um baloiço feito com metade de um pneu de camião. O lugar onde porventura também vocês cresceram. Onde tudo começou.

Amor segue a tia, sem tocar verdadeiramente no chão, uns centímetros acima do solo, um pequeno intervalo vertiginoso entre ela e as coisas, enquanto se dirige para a porta da cozinha. Lá dentro, o Tio Ockie está a preparar um *brandy-com-Coca-Cola*, o segundo da manhã. Reformou-se recentemente do seu emprego de desenhador, num departamento público que gere questões hídricas, e os seus dias são agora desinteressantes. Só dá mostras de uma atenção culpada quando a mulher o apanha, a morder o bigode manchado pela nicotina. Teve horas para se vestir conve-

nientemente, mas ainda está de calças de fato-de-treino e camisa de golfe e chinelos. É um homem pesadão, com farripas de cabelo coladas ao crânio com brilhantina. Dá um abraço pegajoso a Amor, que deixa ambos desconfortáveis.

Lamento o que aconteceu à tua mãe.

Oh, tudo bem, diz Amor, e começa imediatamente a chorar. Terão as pessoas pena dela o dia inteiro porque a sua mãe se tornou aquela palavra? Sente-se feia quando chora, como um tomate que se desfaz, e pensa que precisa de fugir, fugir desta salinha horrível, com o seu chão de parquê e um *poodle* maltês a ladrar e os olhos dos tios em cima dela como unhas afiadas.

Passa depressa junto ao aquário soturno do Tio Ockie e avança pelo corredor, rente a paredes de estuque rugoso, popular por estes lados nesta época, em direcção à casa de banho. Não vale a pena dizer grande coisa sobre o modo como lava o rosto, mas depois Amor, não deixando de fungar, abre a porta do armário onde são guardados os medicamentos e espreita lá para dentro, algo que costuma fazer em todas as casas que visita. Por vezes o que se encontra ali é interessante, mas estas prateleiras estão cheias de coisas deprimentes, como um creme para fixar dentaduras e uma pomada para hemorróidas. Depois de olhar, sente-se culpada de o ter feito e, para se absolver, conta os objectos em cada prateleira e rearruma-os numa ordem mais agradável. Então pensa que a tia se vai aperceber de que ela mexeu no que não devia e volta a colocar tudo como estava.

Ao regressar pelo corredor, Amor pára junto à porta aberta do quarto do seu primo Wessel, o mais novo e corpulento da prole dos Laubscher, e o único que ainda vive com os pais. Já tem 24 anos mas, desde que acabou a tropa, não faz mais nada senão ficar sentado, em casa, ocupando-se da sua colecção de selos. Pelos vistos, tem um problema qualquer com o sair para o mundo. Está deprimido, segundo o Tio Ockie, enquanto a Tia Marina diz que está a procurar o seu caminho. Mas o Papá é de opinião que o sobrinho não passa de um preguiçoso e de um mimado e que deviam obrigá-lo a trabalhar nalguma coisa.